

BIBLIOTECA LIVRO EM RODA: BREVE HISTÓRIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

Maria Ester Vieira de SOUSA
Universidade Federal da Paraíba

Introdução

O programa de leitura Biblioteca Livro em Roda (BLR) é a principal atividade desenvolvida pela Associação Educativa Livro em Roda (AELER), entidade sem fins lucrativos, criada em 1996. O principal objetivo desse programa de leitura é possibilitar que crianças, preferencialmente do campo, tenham acesso a livros, principalmente, da Literatura Infantil e Juvenil, levando até as escolas em que essas crianças estudam um acervo diversificado e atualizado desses livros.

Essa experiência teve início em uma escola rural do município de Conde-PB, a partir de demanda identificada por Tereza Cristina Barbosa de Brito, à época professora dessa escola. Segundo depoimento de Cristina, as crianças dessa escola apresentavam baixo rendimento escolar e alto índice de repetência. Neste contexto, ela observou que a leitura, além de limitada ao interior da escola, era completamente dissociada do cotidiano das crianças e da comunidade. Constatou também a inexistência de bibliotecas nas escolas rurais e que o processo de alfabetização era restrito apenas aos livros didáticos. Diante desse quadro, Cristina e a educadora Anne Ceulemans resolveram investir em um projeto de leitura que permitisse a esses alunos o contato com livros da literatura infantil.

O primeiro passo foi conseguir livros para disponibilizar para as crianças. De posse de um acervo de 80 livros, encaixotados em uma caixa de papelão e transportados em um carro particular, elas passaram a visitar essa escola, em horário contrário às aulas, uma vez por semana, momento em que liam histórias e emprestavam livros. O objetivo, desde esse primeiro momento, consistia em despertar o prazer pela leitura e ajudar a desvincular a prática da leitura da condição de apenas atividade escolar. Para tanto, oferecia-se às crianças livros para que elas, no seu ritmo e partindo do seu gosto, pudessem se tornar cidadãs leitoras.

Essa história se espalhou pela comunidade, professoras de outras escolas ficaram sabendo: uma demanda maior estava criada. O programa, então, passou a atender a outras escolas, desenvolvendo as mesmas atividades: leitura de histórias para os alunos e empréstimo de livros. Em função da aceitação do projeto e da repercussão nas

comunidades atendidas, nova dinâmica de trabalho foi estabelecida. Em comum acordo com as direções das escolas e, posteriormente, com a Secretaria de Educação do Município, as atividades de leitura passaram a ser desenvolvidas no próprio horário de aula, em cada sala de aula, uma vez por semana.

Atualmente, a BLR visita 20 escolas e 2 creches, daquele município, atendendo a cerca de 2.400 crianças e adolescentes e, no ano de 2005, o projeto foi estendido para Assunção, município localizado no semiárido paraibano, distante 250 km da Capital, atendendo a 5 escolas, no total de 350 crianças. O atual acervo de livros de que dispõe a biblioteca é de aproximadamente 5 mil exemplares.

1. Entre os livros e alunos-leitores, a metodologia de trabalho e os mediadores de leitura

O projeto de leitura da BLR caracteriza-se principalmente pela sua simplicidade e pela sua eficiência, motivos que lhe tem rendido reconhecimento nacional¹. Sob o signo da simplicidade, contudo, esconde-se todo um trabalho metodológico, resultado de uma experiência acumulada ao longo desses 15 anos de existência, que requer, no mínimo, planejamento das ações desenvolvidas no cotidiano das escolas envolvidas no projeto. Nesse sentido, acredito ser importante contar esses bastidores.

Em primeiro lugar, começemos recuperando alguns princípios e algumas diretrizes gerais que delimitam as ações da BLR²:

1. As atividades de leitura são desenvolvidas, de comum acordo com a direção das escolas e com as professoras, na própria sala de aula, mas não se confundem com os conteúdos escolares;

¹ Dentre outros prêmios e menção honrosa, pela segunda vez, essa última agora em 2012, a AELER recebeu a menção honrosa como um dos melhores projetos de leitura desenvolvido no Brasil, concedida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

² Essas diretrizes e os procedimentos metodológicos da AELER foram objeto da publicação **Se eu pudesse... Metodologia de trabalho da biblioteca livro em roda**, organizada por Anne Ceulemans em 2003.

2. O aluno não é obrigado a pegar o livro emprestado, ele é convidado, motivado, incentivado a ler, mas não se impõe o livro;
3. Cada escola que faz parte do projeto é visitada uma vez por semana, pela biblioteca ambulante;
4. Cada livro do acervo da BLR é catalogado e possui uma ficha de empréstimo onde são anotados o nome da escola, o nome do aluno, a série e a data de devolução.
5. Os livros são identificados e categorizados a partir de algumas convenções. Neles são afixados pequenos adesivos nas cores branca, vermelha, verde e azul, que obedecem à seguinte simbologia:
 - Adesivo branco é usado para livros sem texto verbal e livros ricamente ilustrados. Recomendados para crianças ainda não alfabetizadas ou em fase de alfabetização;
 - Adesivo vermelho é usado para livros com histórias curtas e ainda bastante ilustração. Indicados para crianças em fase de alfabetização;
 - Adesivo verde, livro com histórias mais longas e ainda com ilustrações. Recomendado para crianças alfabetizadas;
 - Adesivo azul, livro com pouca ou nenhuma ilustração e textos mais longos. Aconselhado para aqueles leitores que já desenvolvem a leitura de forma mais autônoma;
 - Adesivo amarelo, livros informativos.

É preciso acrescentar que essa categorização visa, sobretudo, facilitar o trabalho dos educadores do projeto na indicação e sugestão de livros e, inclusive, na hora da preparação dos *kits*³ de livros que são levados às escolas para o empréstimo. Evidentemente, nada impede que os alunos-leitores subvertam essas categorias. O respeito às escolhas dos alunos faz parte de uma metodologia que visa à formação de leitores autônomos e cidadãos conscientes, fato que evidentemente não nos exime da tarefa de informar, aconselhar, sugerir. A experiência tem demonstrado que alguns alunos, mesmo ainda não tendo acesso ao texto escrito, guiados pelas ilustrações que os encantam, escolhem livros que, em princípio, não seriam indicados para eles; outros levam livros para que os pais ou os irmãos mais velhos leiam.

³ Conferir primeira fotografia a seguir.

A metodologia de trabalho adotada pela BLR segue alguns encaminhamentos que são atualizados a cada semana de visitas às escolas. Em primeiro lugar, é preciso dizer que o planejamento das atividades de leitura começa com a escolha dos livros que serão lidos para os alunos em sala de aula. Em geral, nas reuniões de planejamento, as promotoras de leitura elegem um eixo a partir do qual escolherão os livros para leitura oral em sala de aula. Essa escolha pode ser motivada por uma temática, por autor que se deseja dar a conhecer ou mesmo por um gênero literário. A título de exemplo, lembramos dois processos de escolhas. O primeiro foi relativo ao segundo semestre do ano de 2011, quando a equipe decidiu trabalhar com um autor da literatura infantil. Após discussão, optou-se por trabalhar com as obras da escritora Ana Maria Machado⁴. A partir desse momento, cabia às promotoras escolherem, dentre os livros da autora, aqueles mais adequados para a leitura oral e para cada série (nível de ensino). Além disso, caberia, também, promover em sala de aula, antes da leitura, uma breve discussão, visando saber se os alunos já conheciam a autora, se já haviam lido algum livro dela. Caso os alunos não tivessem conhecimento, cabia à promotora apresentar a autora.

O segundo exemplo que gostaria de mencionar refere-se ao processo de escolha dos livros que foram lidos no primeiro semestre de 2012. Também em reunião foi decidido que as leituras do semestre deveriam ser escolhidas dentre os contos infantis. Depois de apurar a ideia e considerando o acervo da própria AELER, decidiu-se que seria possível aliar o gênero (conto infantil) com a temática ou um personagem e cada mês trabalhar com um personagem diferente. Nesse sentido, para o primeiro mês, elegeu-se para primeira leitura o conto tradicional Chapeuzinho Vermelho. Nas semanas seguintes, foram lidas várias “versões” (paráfrases, paródias, recontos) desse conto, a exemplo de Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; Fita Verde no Cabelo, de Guimarães Rosa. Assim, começando por uma boa adaptação do conto tradicional, a cada semana, uma *nova/velha* história de Chapeuzinho foi lida. No mês seguinte, foi a vez do conto Os três porquinhos. E novamente as promotoras procuraram selecionar histórias que parodiam, recontam, prolongam a história dos Três Porquinhos. Com esses dois exemplos, que não pretendem ser exemplar, gostaria tão somente de demonstrar que a escolha das leituras para os alunos precisa ser planejada e que essa escolha requer da promotora de leitura uma familiaridade com a literatura infantil.

⁴ Em anos anteriores já se havia trabalhado com Monteiro Lobato, com Ruth Rocha, dentre outros autores.

A rotina semanal de visita às escolas também precisa ser mencionada. Começamos pela chegada dos livros e para isso nada melhor que uma imagem para ilustrar:

Foto 1 – Chegada da BLR às escolas



Fonte: Acervo particular da AELER

Vejamos que os livros são transportados para as escolas das comunidades rurais em caixas de plástico. As cores dessas caixas seguem as indicações dos livros a que me referi anteriormente. Portanto, não se trata de uma escolha aleatória, mas de um recurso que contribui para a organização dos *kits*, ou seja, das caixas com livros mais adequados para cada faixa etária ou cada nível de escolaridade do leitor.

Como demonstra a imagem, a chegada do carro com as “mulheres do livro”, como costumam chamar os alunos, é um momento de alegria e euforia. Todos querem ajudar, a rotina da aula é quebrada e se instaura uma outra que é atualiza um dia por semana:

1. Logo que a promotora de leitura chega, a primeira atividade a ser desenvolvida é o recebimento dos livros emprestados na semana anterior;
2. Em seguida, ela faz a leitura de histórias para o grupo. Os alunos também são incentivados a participar desse momento, lendo uma história que deseja compartilhar com os amigos. Contudo, a responsabilidade primeira é da promotora que, inclusive, se preparou para esse momento. Vejamos mais uma fotografia que flagra esse momento:

Foto 2: Momento de leitura de história



Fonte: Acervo particular da AELER

3. A fase de empréstimo dos livros é a última a ser desenvolvida. Caixas de livros são espalhadas pela sala de aula (ou no pátio da escola), conforme se verifica na imagem a seguir:

Foto 3 – Momento de escolha dos livros pelos alunos para empréstimo



Fonte: Acervo particular da AELER

Cabe aos alunos a tarefa de escolher o livro com o qual eles ficarão por uma semana. Nessa fase, comumente as crianças trocam informações: sugerem, recomendam algum livro, desencorajam a escolha de outros, solicitam ou dão informações sobre o

conteúdo da história. Enfim, é um momento de troca de experiência em que flui a autonomia dos leitores, a criatividade e a inventividade. Revelam-se táticas de convencimento, negociações (trocas de livros), subterfúgios... Estratégias e táticas comuns a toda *comunidade de leitores*, conforme revelam pesquisadores a exemplo de De Certeau (1994) Chartier (2001) e Manguel (1997). As professoras das escolas atendidas também com frequência participam ativamente desse momento, não apenas auxiliando, sugerindo leituras, mas também escolhendo livros para elas lerem. Para que, de fato, os leitores sejam conquistados, é preciso ressaltar a importância de um acervo de livros amplo, diversificado e de qualidade. Já tivemos oportunidade de demonstrar a partir de pesquisas com esse grupo de leitores (SOUSA, 2002 e 2007) como a qualidade e a quantidade do acervo faz a diferença quando se respeita a liberdade do leitor, principalmente quanto às escolhas de leitura.

Essas são atividades que acompanham a rotina do projeto. Eventualmente, respeitando o horário disponível – cerca de uma hora em cada sala de aula – e a rotina estabelecida pela própria escola, também se desenvolvem atividades como: brincadeiras relacionadas às histórias lidas/contadas; produção de histórias com as crianças quer seja oralmente, por escrito ou através de desenhos; resgate de história oral, contadas na comunidade; confecção artesanal de livros, cartões etc.

2. Sobre os desafios das ações desse projeto de leitura: a logística

Referi-me até agora à parte boa do projeto. Cabe agora falar um pouco dos desafios de manter um projeto dessa natureza. A AELER caracteriza-se como uma entidade sem fins lucrativos que não gera renda própria. Portanto, para conseguir manter o projeto de leitura em funcionamento, necessita correr atrás de financiamentos. É preciso que se diga que esse não é um projeto financeiramente oneroso, ao contrário, quanto mais alunos leitores atendidos mais os custos com transporte e livros⁵ serão, proporcionalmente, menores. Entretanto, como tudo que se refere à educação e à cultura, conseguir adesão financeira nem sempre é fácil. Um dado que demonstra o esforço constante pela busca de parceiras pode ser representado pelo número de

⁵ Esse é um dos aspectos que a AELER tem reiteradamente demonstrado nos projetos que encaminha às agências de financiamento.

entidades que já contribuíram com esse projeto: a AELER já teve como parceiros em seus projetos a Prefeitura de Oss-Holanda (1998 a 1999), Terre des Hommes-Holanda (2000 a 2006), Criança Esperança (2006 a 2007), Ecoles-Notre Dame-France (de 2007 até hoje), SKVB-Holanda (de 2004 até os dias de hoje), CMS- Holanda (2008), PRONAC - Ministério da Cultura/Petrobrás Cultural (2008 a 2009), Instituto Camargo Corrêa (2009), Instituto C&A (2010 até hoje), Criança Esperança (2011).

Um aspecto positivo para a continuidade do projeto tem sido a parceria firmada com as prefeituras dos dois municípios atendidos. Essa parceria tem permitido que, em momentos de grandes dificuldades financeiras, pelo menos, parte do atendimento seja mantida, uma vez que faz parte dessa parceria a liberação de combustível e a concessão de um educador para desenvolver as atividades nas escolas. Evidentemente, numa comunidade rural tão grande como a de Conde-PB, apenas uma promotora de leitura não consegue dar conta de todas as 20 escolas rurais. Por isso, a equipe pedagógica da AELER concentra, além da função específica de planejamento de atividades, várias outras funções: elaborar projetos para conseguir financiamentos; fazer campanhas de doação de livros; conquistar voluntários. São tarefas árduas, mas necessárias quando se tem um ideal como esse.

A BLR, como o próprio nome sugere, só funciona sobre rodas, metonimicamente representando o carro, os leitores, os livros. Atualmente, a unidade de Conde-PB dispõe de transporte próprio. Esse transporte perfaz uma média de 700 km por semana, em estradas precárias, 90 % não pavimentadas: no inverno, lama e, no verão, areia. Devido às características da atividade e às condições das estradas em que trafegam, a vida útil desse transporte é relativamente curta, tornando-se imprescindível a sua substituição periodicamente. É preciso, então, estrategicamente, coseguir parceiros dispostos a financiar a conservação e a substituição desse transporte.

Em Assunção-PB, a entidade não dispõe nem de carro próprio e nem de sede. O transporte para levar os livros às escolas, a contratação de uma promotora de leitura e a sede de funcionamento funcionam como uma contrapartida da prefeitura local. Esse fato, se, por um lado, revela uma parceria significativa com o poder público local, por outro, gera uma dependência do projeto que precisa se subter, por exemplo, a horários e disponibilidade de carros para chegar até escola. Além disso, depende de renovação de parcerias a cada mudança dos administradores públicos. Esses dados, em hipótese alguma, pretendem desmotivar aqueles que sonham em desenvolver experiência

semelhante. Ao contrário, pretendem antes servir de exemplo para que esses empecilhos sejam enfrentados e vencidos.

Conclusão

Esse projeto de leitura se ancora na crença de que a leitura direta ou indiretamente pode ser considerada como um dos fatores que contribui para o desenvolvimento pessoal e social do sujeito, ao possibilitar a ampliação/modificação/reformulação de sua visão de mundo e, conseqüentemente, as suas formas de se relacionar consigo mesmo e com os outros. No contexto do projeto desenvolvido, há que se considerar a contribuição que ele traz para a formação escolar do aluno, visto que a leitura – a capacidade de ler/interpretar – é uma “ferramenta” essencial para a aquisição de conteúdos formais trabalhados na escola. Em depoimentos, professoras fazem constantes referências à contribuição que essa prática leitora trouxe para a realidade da sala de aula e para a aquisição dos conteúdos de ensino.

No entanto, torna-se necessário acrescentar que esse projeto de leitura está preocupado em formar leitores que sintam prazer pela leitura, que não a vejam apenas como uma tarefa escolar a ser cumprida. Por isso, sempre deixamos claro aos alunos que eles não são obrigados a levar livros para casa; eles estão sendo convidados a ler. A preocupação é desenvolver uma adesão mais espontânea por parte do aluno, sem pressão ou objetivos meramente escolares para a leitura. A prática tem demonstrado que, mesmo sem a obrigatoriedade e sem receber nota para ler, os alunos revelam uma assiduidade no empréstimo de livros surpreendente, chegando a 90% ou mais, e é grande o número de livros em circulação. Semanalmente, a BLR empresta cerca de 1.600 livros, um número considerável, se lembrarmos que se trata de leitores de escolas rurais de um país em que circula comumente um discurso sobre a inexistência de leitores.

Ademais, é preciso ressaltar que os próprios alunos contribuem para que o número de leitores aumente, quando passam a incentivar os colegas; quando sugerem livros; comentam as leituras realizadas; levam livros para os pais ou irmãos lerem. Outro dado a considerar é a diversidade de títulos a que os alunos têm acesso. Esse é um dos aspectos que sustenta o sucesso do projeto e revela o nível de autonomia dos próprios leitores que reclamam quando há poucos livros nas caixas ou há bastantes livros que já leram, fatos que diminuiriam a possibilidade de escolha.

Essa experiência demonstra, por um lado, que o prazer pela leitura é uma prática que carece de condições mínimas, como a presença de livros, para que se desenvolva; por outro, que é preciso não negligenciar a função de quem se dispõe a ser um mediador para a formação de leitores. A disposição de encantar, comover e conquistar leitores, com verdadeiros “recitais” de leitura, não é tarefa menor. Exige paixão pelos livros, amor pela leitura, envolvimento e responsabilidade com o que faz.

A experiência acumulada pela BLR, ao longo desses 15 anos de atuação, resultou em um conhecimento metodológico, um saber-fazer acumulado ao longo desse processo, já reconhecido para além do seu espaço atual⁶. Por acreditar na eficácia de suas ações é que a AELER tem se empenhado em socializar esse conhecimento.

Referência bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2.ed. Brasília: Editora da UNB, 2001.

CEULEMANS, Anne. **Se eu pudesse... Metodologia de trabalho da biblioteca livro em roda**. Conde [s/n], 2003

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. Repensando a leitura: o papel do incentivador sob o olhar do leitor. In: **Anais do I Colóquio Internacional de Análise de Discurso**. UFMG. Belo Horizonte, 2002.

_____. O leitor e as escritas nas margens. In: ESPÍDOLA, Lucienne e SOUSA, Maria Ester Vieira de (orgs). **O texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: editora Universitária/UFPB, 2007

⁶ Basta referenciar os prêmios recebidos e os trabalhos acadêmicos (relatórios de pesquisa, artigos científicos, Dissertação de Mestrado) que tiveram a BLR como objeto de estudo.